



## APRESENTAÇÃO

PPGA/UFPA v. 08, n.1 | janeiro-junho, publicado em agosto de 2024

**Dossiê - Vozes da diversidade: diálogos entre língua, linguagens e antropologias**

Prezados(as) Leitores(as),

O oitavo volume do Caderno 4 Campos é publicado no contexto da Década Internacional das Línguas Indígenas (2022-2032) e das discussões em torno da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas - COP30, prevista para ocorrer em novembro de 2025 na cidade de Belém/PA. Esses eventos reverberam a necessidade de se ouvir, aprender e contribuir com aqueles que possuem conhecimentos seculares sobre como cultivar a realidade humana com respeito à natureza e o bem comum.

Referente à COP30 destacamos a urgência de ações contra o desequilíbrio climático que assola o Brasil e o mundo, e a busca por um futuro mais sustentável com práticas ambientalmente consciente. Em meio aos objetivos da Década acenamos as ações de valorização e pelo reconhecimento das línguas e das linguagens indígenas “em todos os âmbitos da cultura, da educação, da ciência, da tecnologia e sociopolíticos, em todos os níveis, do local ao nacional” disponíveis no Plano de Ação para a Década Internacional das Línguas Indígenas no Brasil (2022).

No contexto desses eventos, o Dossiê “Vozes da diversidade: diálogos entre linguagens e antropologias” chama atenção para aqueles grupos em vulnerabilidade que foram silenciados ou esquecidos pelos projetos governamentais em prol do progresso ou do desenvolvimento econômico do Brasil durante séculos. Os conhecimentos, culturas, línguas e linguagens dos povos das florestas, das terras e das águas foram desvalorizados pelo colonialismo português e brasileiro. Contudo, apesar do genocídio ou das adversidades vivenciadas, esses povos não assistiram ou ficaram estáticos ao processo de colonização, diferentes atitudes foram e continuam sendo tomadas para sua manutenção e sobrevivência (Machado, 2022, p.135).

A língua e as linguagens são um dos principais elementos de comunicação, reivindicação e luta desses povos. Pois, é a partir do sistema de regras fechado, que é a língua, que as milhares de linguagens

se constroem e, a partir dessa interação, temos um entrelaçado cognitivo indissociável – língua/linguagem – que nos comanda nos diversos meios e modos de expressão nos quais estamos imersos.

A língua/linguagens não são instrumentos neutros, suas estruturas e significações são atravessadas por histórias, memórias e relações de poder. Na perspectiva dialógica inspirada nos estudos de Bakhtin, “a linguagem é entendida como uma forma de ação” (AHEARN, 2001, p.128). Nesse sentido, os estudos apresentados neste volume revelam múltiplas linguagens, agências e ou potência de agir dos movimentos sociais, indígenas, ribeirinhos(as), ceramistas, artesões(ãs), camponeses(as), estudantes, poetas, cronistas, entidades mais que humanas e do mundo.

Considerando então o papel da língua não apenas como código linguístico ou veículo de comunicação, mas também como ação, processos rituais, memória, conhecimentos e atitudes linguísticas, já que sua “indissocialização” com a linguagem é inevitável, apresentamos, além dessa heterogeneidade, contribuições que abordam direta ou indiretamente o caráter social da linguagem como produção, armazenamento, expressão, retomada e transmissão dos conhecimentos sobre os seres humanos e o meio ambiente.

Como afirma Duranti (1997) a língua é uma prática cultural que pressupõe os modos de estar-no-mundo de um determinado povo. A partir da cosmovisão do seu mundo o falante “tece” sua língua, suas expressões e seus modos de comunicação (linguagem). Assim, os trabalhos deste volume refletem sobre as diferentes concepções de mundo, modos de existência específicos e suas formas de significá-los através da língua/linguagem, tais como: narrativas, literaturas, histórias, artesanatos, objetos, entre outros). O dossiê reúne textos produzidos em diversas partes do Brasil, em especial na Amazônia. É uma proposta para fortalecer e estabelecer diálogos entre os campos da Literatura e da Antropologia, da Linguística e da Antropologia (Duranti, 1997). Reúne sete artigos, duas entrevistas e quatro ensaios fotográficos, como se pode observar nos resumos a seguir:

Em “**Narrativas autobiográficas de Nilza Castro: mãe, escritora, acadêmica de letras e cega total**” apresenta-se as experiências autobiográficas de Nilza da Silva Castro, uma aluna com deficiência visual que vem buscando aprimorar seus conhecimentos e superar os preconceitos sociais ao longo de sua trajetória de vida. Destaca-se os desafios, embates e as experiências exitosas vivenciadas do fundamental aos cursos de Letras nas modalidades presencial e a distância. Outrossim, enfatiza-se as principais leis de acessibilidade às pessoas com deficiência e os caminhos da autora com a publicação de seu primeiro livro em 2024.

Em **“A escrita feminina negra na literatura da Amazônia maranhense: registros e subjetividades”** de Maria de Nazaré Barreto Trindade e Rosa Elizabeth Acevedo Marin apresentam-se discussões sobre a produção escrita (crônicas, poemas, romances e contos) de três escritoras maranhenses. O texto é baseado na tese de doutorado de uma das autoras, na qual considera a literatura como espaço de poder controlada principalmente por homens, brancos e de classes sociais privilegiadas. As novas relações de poder e da democratização do acesso aos bens culturais no Brasil inspirou a autora a pensar, ouvir e escrever sobre outras literaturas, como da escrita feminina negra na Amazônia entre os séculos XIX e XX.

O artigo de Angela Maria Miranda Silva e Jesus Nazareno Silva de Souza, intitulado **“Experiências de campo com produtoras e produtores do cacau de várzea no Baixo Moju/PA: contribuições da pesquisa à comunidade”**, faz parte da dissertação de mestrado “Fortalecimento da cadeia produtiva do cacau de várzea (*Theobroma cacao*) com preservação do meio ambiente”; ressalta as experiências da pesquisa de campo realizada junto aos produtores e produtoras de cacau de várzea na Comunidade Nova Jerusalém, no Baixo Moju/PA. Aborda-se ainda os conhecimentos e organizações dos(das) extrativistas sobre o processo produtivo do cacau atrelado as práticas de subsistência e agricultura familiar na Comunidade.

O artigo de Ramiro Esdras Carneiro Batista e Daniel da Silva Miranda, **“Soprando Palavras: Notas e Impressões Acerca das Memórias de Koko Tavi”**, comunica as ações dos processos de transcrição de um acervo material de Koko Tavi (Manoel Firmino), liderança indígena Galibi Marworno do alto rio Uaçá, Oiapoque, Amapá-Brasil. Os autores questionam perspectivas históricas e monolíngues que incentivaram o uso do português brasileiro através de práticas hegemônicas; revelam também as ações do processo de representação indígena através da salvaguarda e publicação de memórias e manuscritos indígenas na região do Baixo Oiapoque.

Chiara Magá Moreira em **“Macunaíma como uma espécie de arquivo cultural”** analisa o protagonismo do personagem à luz dos estudos de Antonio Candido no livro *Literatura e Sociedade* (2006). Para autora, *Macunaíma*, de Mário de Andrade, transcende a narrativa desvelando a diversidade cultural do Brasil em suas várias camadas, como: ditados populares, estereótipos e símbolos, bem como os contextos sociais, artísticos e históricos que influenciaram sua criação.

O artigo **“Curupira como símbolo de la lucha en defensa de la selva tropical: algunas reflexiones”** de Camila da Silva Ferreira e Gracineia dos Santos Araújo reflete sobre a importância do

Curupira como símbolo da luta em defesa da floresta amazônica. Apoiam-se em contribuições teóricas sobre a literatura da tradição oral, especialmente sobre lendas e mitos. Destacam o curupira como guardião dos *arbustos*, bem como símbolo de resistência e consciência. Revelam a luta e o legado dos defensores das florestas para todos aqueles que se juntaram e se juntam para construção de um futuro melhor, um “futuro ancestral”.

O artigo de Elaine Bruno Lima, Ignacio Gabriel San Martin Araya e Mayara Feitosa Teodoro, intitulado **“Entre dois mundos: a trajetória de vida de Elaine Baré e a língua do cotidiano, o Nheengatu”**, aborda alguns aspectos da trajetória de vida de Elaine Baré, uma indígena estudante da Universidade Federal do Pará. Reflete sobre como o nheengatu é preservado nos modos de vida de Elaine Baré e destaca a importância da preservação do nheengatu como forma de resistência cultural aos modelos educativos colonialistas e para continuação da religiosidade, como o benzimento.

O dossiê ainda conta com a entrevista **“Mulher, antropóloga & emérita: meio século de engajamento político e científico nas fronteiras amazônicas”** realizada por Ramiro Esdras Carneiro Batista com a Dra. Jane Felipe Beltrão, Professora Emérita, antropóloga, historiadora e ativista política, cujas contribuições incluem relevante produção científica e propostas inovadoras de itinerários formativos para povos e populações etnicamente diferenciadas, entre outras. Destaca-se reflexões sobre as causas que seguem comovendo-a; além de lançar um olhar sobre o recente desmonte da universidade e do serviço público brasileiro, vivenciado em delicado momento da história nacional.

Em **“Lutas, narrativas e o fortalecimento da língua Mëbêngôkre (Kayapó) por uma liderança Metuktire”** acompanhamos a entrevista de Michelly Silva Machado com Okreãjti Metuktire (Patxon), liderança Kayapó, escritor e neto do cacique Raoni Metuktire. Verifica-se os relatos de Patxon sobre seus compromissos e ações sobre questões climáticas, invasões de Terras Indígenas, fortalecimento de políticas dos e para os povos originários. Além disso, narra as experiências de Patxon como estudante indígena na universidade, a relação diferenciada de seu povo com os anciões, os atos de nomear na língua materna e suas publicações para valorização da língua e da cultura Kayapó nas redes sociais.

Abrindo a sequência de ensaios fotográficos, Paula Francinete Silva Matos em **“Linguagens do passado ao presente: “Marivaldo arte cerâmica”** desvela a importância dos saberes ancestrais inspirados na arte e no grafismo Tupi-Guarani e de outras civilizações amazônicas presentes no Ateliê Marivaldo arte cerâmica. Revela os saberes repassados por três gerações de ceramistas que têm

aprimorado as técnicas de produção de peças de cerâmica com desenhos autorais e referências arqueológicas.

No ensaio fotográfico **“Casas ribeirinhas em Ponta de Pedras: entalho na madeira, formas, geometrias e poéticas nas várzeas habitadas”** podemos observar a magia da mudança material da madeira por interferência humana captadas por Marcos Samuel Costa da Conceição em casas ribeirinhas de madeira na Cidade de Ponta de Pedras no Marajó. O ensaio revela as cores intensas e formas geométricas das fachadas (formas abstratas, lua, peixe, estrela, sol, sequências etc.), o que localmente se conhece como entalho em madeira.

Carolina Vanessa Santos da Silva, Tatiana Colasante e Amanda Gomes Pereira no ensaio fotográfico **“Artesanato, trajetórias e afetos: território e formas de resistência de mulheres santanenses”** evidenciam diálogos entre tessituras, histórias e memórias das mulheres de Santana do Maranhão. As autoras enfatizam as consequências dos fluxos migratórios na vida de mulheres camponesas, seus modos de produção, seus territórios, atividades cotidianas, como a produção de artesanato por meio da palha de buriti, e a batalha por visibilidade na sociedade após séculos de repressão, silenciamento e direitos cerceados.

No ensaio fotográfico **“Vozes em marcha pela Amazônia”**, Ewerton D. Tuma Martins e Michelly Silva Machado apresentam os registros da “Marcha dos Povos da Terra pela Amazônia” que aconteceu em Belém/PA em 2023. No ensaio é possível observar representantes de vários movimentos sociais que na ocasião da Cúpula da Amazônia chamaram atenção da sociedade contra à crise climática, desmatamentos, invasão de terras protegidas, na necessidade de investimentos na agricultura sustentável e na valorização dos coletivos étnicos que contribuem para conservação de áreas verdes há séculos.

Concluimos este volume com o lançamento de novas propostas editoriais, como a importância de incentivar e inserir a publicação de textos em línguas indígenas a fim de valorizar as diversidades linguísticas. Inauguramos novos designers, seções textuais e arquivos visuais. Por fim, inserimos pela primeira vez o *Digital Object Identifier* (Identificador de Objeto Digital) - DOI nos textos publicados para facilitar o acesso às publicações, aumentar o alcance das visualizações e divulgar os estudos acadêmicos.

Agradecemos, a todos(as) os alunos(as) e egressos(as) que fazem parte da equipe editorial do C4C que voluntariamente têm dedicado uma parte de seu tempo para manutenção do caderno; ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA-UFGA), pelos

diálogos interdisciplinares, espaço e pelos incentivos. Agradecemos aos leitores, sem vocês esse trabalho não existiria; aos avaliadores(as) pareceristas pela disponibilidade de tempo e pelo inestimável trabalho; e aos autores pelas contribuições e pesquisas partilhadas em cada texto. A participação de todos(as) vocês é indispensável para a construção de publicações científicas, gratuitas e de qualidade.

**Boa leitura!**

Michelly Silva Machado  
Nayara da Silva Camargo  
(Organizadoras)

**Referências:**

Ahearn, Laura M. 2001. Linguagem e agência. *Revista anual de antropologia*, p. 109-137.

Duranti, Alessandro. 1997. *Linguistic Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Machado, M. *Processo de formação de novas categorias conceituais e as agências linguísticas dos Mëbêngókre Kayapó (Família Jé)* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação em Diversidade Sociocultural, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, PA, Brasil, 2022.

Plano de Ação para a Década Internacional das Línguas Indígenas no Brasil. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), 2022